

Rizzieri, Coordenador da Fipe, acha hiperinflação e recessão inevitáveis

SÃO PAULO — O receio, manifestado anteontem pelo economista Francisco Lopes é compartilhado pelo Coordenador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) Juarez Rizzieri. Comentando ontem a análise de Lopes, Rizzieri foi além das preocupações do assessor do Ministério do Planejamento: a hiperinflação e a recessão serão inevitáveis, caso o Governo permaneça imóvel, deixando de adotar medidas para estancar a sangria iniciada pelo Cruzado II.

A análise de Francisco Lopes é correta. Não tenho dúvida de que o Brasil experimenta hoje a fase mais crítica de sua história econômica. Para evitar o total descontrole na economia, o Governo terá de combinar um conjunto de medidas ortodoxas com a administração de preços dos oligopólios industriais, via Cip (Conselho Interministerial de Preços). Mas isso só não basta. é necessário enfrentar de vez, e para valer, o problema do déficit público, além de redefinir a questão do gatilho. A escala móvel não é foco inflacionário, mas vai realimentar o processo uma vez detonada. Por isso, qualquer que seja o nome que o Governo dê, o arrocho salarial vai voltar — previu.

Rizzieri está também de acordo

com Lopes quanto à necessidade de se desmontar parte do Cruzado II. Ele apenas discordou de que é possível autorizar aumentos periódicos de gasolina, sem produzir com isso efeitos inflacionários importantes. O Coordenador do índice de custo de vida da Fipe lembrou o "efeito cadeia" de aumentos dos combustíveis, nas taxas de inflação desencadeado pelos recentes reajustes na gasolina e no álcool.

Para Rizzieri — cujo prognóstico para a inflação de janeiro é semelhante ao de Lopes, "no mínimo 12 por cento" — outro complicador que o Brasil deverá enfrentar este ano é a dívida externa. Ele não compartilha da opinião do assessor do Governo de que o País poderá chegar a um superávit de US\$ 10 bilhões e, com isso, evitar problemas na renegociação da dívida externa.

Espero que o Chico (como Lopes é conhecido no meio acadêmico) esteja certo. No entanto, acho que a situação externa pode obrigar uma retração das importações, agravando ainda mais o quadro interno. Se isso acontecer, estaremos no pior dos mundos. Além da queda de demanda, teremos também queda de oferta. Tudo isso terá um custo social enorme, que pode gerar grande insatisfação e conturbações — afirmou.